

A Unidade de Produção Camponesa Harmonia (UPC): feminismo e agroecologia

The Peasant Production Unit Harmony: Feminism and Agroecology

CHIMINI, Letícia; COSTA, Diulie A.; MANCILIA, Sandi X.; ROCHA, José P. S.
Doutora em Serviço Social/PUCRS, Mestra em Desenvolvimento Regional/UNISC, Assistente Social/UNISC, camponesa: leticia.chimini@gmail.com; Graduanda em Agronomia/UERGS: agrodiulie@gmail.com; Graduanda em Geografia Bacharelado/UFPEL, camponesa: sandixavier2015@hotmail.com; Graduando em História Licenciatura/UFPEL: falafinaproducoes@gmail.com.

Eixo temático: Gêneros e feminismos na agroecologia

Resumo:

Este relato compõe parte da pesquisa de tese da autora principal e é local de trabalho e/ou vivência de todos os integrantes que elaboraram o mesmo. Trata-se de uma pesquisa qualitativa, com triangulação de dados que traz a experiência de uma UPC gerida por mulheres de forma agroecológica e com recursos limitados, porém por sujeitos que fazem do seu trabalho a sua luta. Essa experiência converge para o tema da questão agrária no Brasil, num contexto de economia dependente, com consequências graves para a agricultura camponesa e quer dar visibilidade aos processos de resistência do campesinato na construção de formas mais sustentáveis de produção que contemplem o meio ambiente, a vida social e garanta renda e a vida material. Para dar visibilidade aos processos que fomentam a autonomia, temos como embasamento filosófico o materialismo histórico e dialético, que aponta para coesão entre a teoria e a prática e para os vários desvelamentos e resultados com total implicação com o objeto, que, ao mesmo tempo, é o sujeito desta tese em seu contexto: o campesinato na produção agroecológica, imbricado na luta por igualdade de gênero e de classe.

Palavras-Chave: Agroecologia; Campesinato; Igualdade de gênero; Diversificação; Resistência.

Abstract: This report is part of the thesis research of the main author and is the place of work and/or experience of all members who prepared it. This research has a qualitative characteristic, with triangulation of data that brings the experience of a UPC managed by women in an agro-ecological way and with limited resources, but by subjects that make their work their fight. This experience converges on the theme of the agrarian issue in Brazil, in a context of a dependent economy, with serious consequences for peasant agriculture, and wants to give visibility to the processes of resistance of peasants in the construction of more sustainable forms of production that contemplate the environment, social life, and guarantee income and material life. To give visibility to the processes that foster autonomy, we have as our philosophical foundation the historical and dialectical materialism, which points to the cohesion between theory and practice and to the various unveilings and results with full implication with the object, which, at the same time, is the subject of this thesis in its context: the peasantry in agroecological production, imbricated in the struggle for gender and class equality.

Keywords: Agroecology; Peasantry; Gender equality; Diversification; Resistance.

Contexto

Em 2021, o Brasil volta ao mapa da fome, cerca de 20 milhões de pessoas não tem o que comer. São dados documentais da OSC Oxfam e visíveis na realidade

brasileira, que se materializa nas pessoas famintas e não é percebida, nem tratada como um crime por aqueles que produzem ou permitem a fome. Ela é naturalizada como um aspecto da natureza, como uma paisagem que compõe as cidades.

O setor rural brasileiro, cuja formação histórica, econômica e social dividiu o território rural em latifúndios e minifúndios, desenvolveu formas de agricultura com projetos de desenvolvimento distintos, com destaque para o desigual acesso às terras agricultáveis, bem como aos incentivos e fomento do Estado. Econômica e politicamente, o Estado brasileiro apoia o latifúndio em detrimento aos minifúndios que desenvolvem a agricultura familiar camponesa.

Num resumo dos dados do Censo Agropecuário (2017), temos que a agricultura camponesa familiar ocupa 24% das terras agricultáveis do país e produz cerca de 70% dos alimentos que vão à mesa das famílias brasileiras. Já o agronegócio, ocupa 76% das terras agricultáveis brasileiras e é responsável por 30% dos alimentos que são consumidos. Outro dado relevante é o do crédito agrícola: a agricultura familiar camponesa recebe apenas 14% do total disponibilizado e o agronegócio consome 86% do total disponibilizado pelos cofres públicos para as safras anuais.

A produção agrícola de uma nação direcionada para atender o capital internacional, gera consequências nos vários segmentos de um país. Os países de economia dependente colocam-se enquanto coadjuvantes, atuando na oferta de matérias-primas, inclusive, tendo a sua referência econômica vinculada à produção primária. Não priorizar as demandas e as necessidades de seu povo no destino do país, reforça o subjuogo de quaisquer processos que possam gerar soberania alimentar. Logo, compreender que a dependência é econômica e política dá a dimensão da expressão da dinâmica do desenvolvimento do capitalismo, que transversaliza todos os segmentos da sociedade, com consequência nos territórios rurais e urbano (CHIMINI, 2021).

A Sociedade brasileira é constituída das desigualdades resultantes da relação capital-trabalho e estruturada no racismo, na desigualdade de gênero e na má distribuição da terra. A agricultura é carregada dessas velhas estruturas conservadoras, patriarcais e racistas e, por isso, a agroecologia não pode se desvincular da luta de classes, do feminismo e da luta antirracista. É com muito trabalho e historicidade que se constrói a agroecologia na prática, na perspectiva da luta de classes, de gênero e de raça e, por isso, damos visibilidade à experiência da UPC Harmonia, por cremos que experiências coletivas, são mobilizadoras de processos participativos e inclusivos, geradores de autonomia e construtoras de emancipação humana, embora todos os percalços e dificuldades impostas pelo próprio sistema econômico vigente.

Descrição da Experiência

A UPC Harmonia é uma propriedade rural com 3 (três) ha, situada na localidade de Alto Dona Josefa, no município de Vera Cruz/RS. Perfazemos um pouco do caminho de 2016 (ano em que foi adquirida) até os dias atuais e isso reflete a vida concreta.

Morávamos e produzíamos, José Pedro e eu, no sítio Harmonia, assim denominávamos esse espaço antes de ser coletivo, e trabalhávamos em três municípios do RS: Santa Cruz do Sul, Porto Alegre e Barra do Ribeiro. Foram anos difíceis, fizemos feiras conjuntamente com as mobilizações alusivas ao oito de março, dia de luta das mulheres. Bem como nos meses de outubro e novembro, quando pautamos, com mais afinco, a luta contra a violência de gênero e pelo direito à alimentação saudável. Desde que está conosco a produção ocorre de forma agroecológica e estamos trabalhando para a sua certificação. Cabe salientar que a área é protegida por mata nativa, fica “ao pé do morro” preservando dos venenos utilizados nos arredores, na produção de fumo e milho transgênico.

Nos anos seguintes, principalmente durante os anos de doutoramento, procuramos parcerias para fazer do Sítio Harmonia um projeto coletivo para que pudéssemos dar melhor função social e contribuir com a renda de mais pessoas, podendo, finalmente, ampliar a produção. Quando estávamos desistindo do propósito e em processo de negociação para a venda do Sítio, surgiram as parcerias. Duas companheiras, jovens camponesas, com formação militante e técnica, juntaram-se a nós nesse processo: Diulia Almansa e Sandi Xavier. Juntas, criamos esse projeto que hoje denominamos UPC Harmonia – Feminismo e agroecologia.

Quanto à produção, no primeiro ano, optamos pela produção de tomates a partir de variedades de sementes crioulas resgatadas por outra companheira, agrônoma Tatiana Schiavon. Em um mutirão, fizemos a semeadura de 2000 mudas de tomates que foram plantadas em três unidades de produção: Santa Cruz do Sul/RS, Encruzilhada do Sul/RS e Vera Cruz/RS. Transplantamos 600 mudas na UPC Harmonia. Os tomates tiveram rápido retorno, foram plantados em meados de outubro e iniciamos a colheita na segunda quinzena de dezembro. A estimativa de colheita até o final da safra era de 2000 kg, produzidos em ¼ ha consorciado com mandioca, alface, manjeriço, pitaya e flores.



Figura 01. Diferentes etapas da produção de tomates na UPC Harmonia. Fonte: arquivos de imagens da UPC Harmonia

Os tomates produziram muito bem. Não chegamos à estimativa feita, pois faltou-nos mão de obra no tempo de colheita. Mesmo em três pessoas e contando com ajudas esporádicas, ocorreram imprevistos de saúde e outros afazeres que diminuíram o tempo de dedicação à produção, limitando a colheita. Quanta aprendizagem nessa primeira safra!

No primeiro ano, nossa produção foi comercializada nas feiras agroecológicas de Santa Cruz do Sul/RS e Santa Maria/RS. Neste ano (2021), estamos contribuindo para a solidificação de um grupo de produtores que já fornece para um grupo organizado de consumidores. Ambos estão em processo de organização da produção, ajustando a circulação e os pedidos, da forma que melhor atenda e aproxime os trabalhadores/as do campo com os trabalhadores/as da cidade.

No segundo ano, também iniciamos a comercialização direta com consumidores que queiram receber nossa produção agroecológica em suas casas, principalmente em resposta a pandemia do COVID-19. Com a diminuição dos locais coletivos das feiras, criamos uma conta no Instagram (@upcharmonia) onde anunciamos os produtos disponíveis da semana, com entregas que acontecem na sexta-feira. Isso acarretou em diversificarmos a produção para atender as diversas demandas alimentares: feijão, cebola, alho-poró, cenoura, beterraba, variedades de tomates, couve-flor, brócolis, repolhos, rabanete, mostarda, ervilha, salsinha, cebolinha, manjeriço, physalis, bergamota, couve-chinesa, alface, rúcula, mandioca, milho, e ainda produzimos kombuchas, pães e conservas.

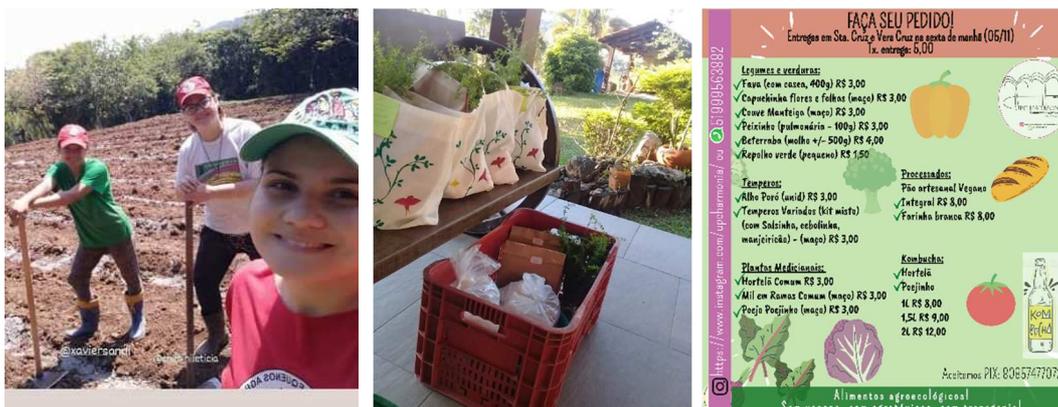


Imagem 02. Produção, diversificação e comercialização. Fonte: arquivos de imagens da UPC Harmonia

Recentemente implantamos um quintal produtivo da Embrapa, ocupando o restante da terra que estava cedida para o camponês vizinho. Foram plantadas mudas frutíferas nativas que além de acrescentar na renda, em médio prazo, ajudará a conservar as nascentes e pontos naturais de água da propriedade (olhos d'água).

Ensejamos melhorar as estruturas com implementos que contribuam para reduzir a penosidade do trabalho, bem como implementar espaços coletivos de formação. Compreendemos na prática, na vida concreta, os muitos desafios, inclusive, a precariedade no acesso à água, energia elétrica e estradas. Lutamos e acreditamos na agroecologia como uma das formas de superação do capital sobre a produção de alimentos, que faz verter consequências nos territórios rurais e urbanos, que une a classe trabalhadora do campo e da cidade, mas que encontra limites quando esbarra na falta de políticas públicas de incentivo à agroecologia e na desigualdade de gênero, visto ser a camponesa a maior incentivadora e incrementadora desse sistema nas propriedades.

Compreendemos a importância da produção e da circulação, com toda a força que os processos coletivos são capazes de proporcionar; jogamos luz sobre essa experiência de uma UPC coletiva, organizada e gerida por mulheres, com produção diversificada e agroecológica, em uma região de monocultivo de fumo e que, há 100 anos, vem sendo dominada pelas transnacionais do tabaco. Isso é resistência. Uma UPC aberta e receptiva, que prima por mutirões, trocas, que reafirma sua função social e a missão do campesinato na luta de classes: a produção de alimentos agroecológicos. Nesse sentido, somamo-nos nessa missão e legitimamos que sem feminismo não há agroecologia (CHIMINI, 2015).

Resultados

São muitos desafios que atravessam a vida das camponesas: a precariedade no acesso à água, estradas que inviabilizam, cada vez mais, o escoamento da produção, a falta de fomento à agricultura camponesa, o desmonte dos direitos fundamentais e sociais de saúde, educação, cultura e seguridade social e, tudo isso, costurado pela desigualdade de gênero. A expropriação e exploração acirram-se sobre os corpos das mulheres e, de forma mais feroz, sobre as mulheres negras e indígenas. Quiçá, um dia, todas sejamos livres e tenhamos autonomia para pensar, agir e sonhar.

Produzir alimentos agroecológicos implica disputar o poder econômico e político na perspectiva da soberania alimentar, da formação sócio-histórica que expropriou a terra para manter privilégios, mas que deixou nos territórios a marca da luta de classes por melhores condições de vida e de trabalho, que perpassa pelas infraestruturas, por acesso aos serviços básicos, pela educação, pela comunicação, pelo o direito ao trabalho, pelo acesso à terra e à vida digna e por relações que não sejam transversalizadas pelo capital.

Agradecimentos

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal Nível Superior – Brasil (CAPES) – Código de Financiamento 001

Referências bibliográficas

BRASIL. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Censo Agropecuário**. Disponível em: <https://censos.ibge.gov.br/agro/2017>. Rio de Janeiro: IBGE, 2017.

CHIMINI, Letícia. **Gênero no meio rural: a mulher na diversificação produtiva, no contexto da monocultura do tabaco, no município de Agudo/RS-Brasil**. 2015. 130 f. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento Regional) – UNISC, Santa Cruz do Sul.

CHIMINI, Letícia. **Produção e reprodução do capital nas economias dependentes e as implicações na questão agrária: o acirramento das desigualdades e os processos de resistência do campesinato brasileiro**. 232 p. Tese (Doutorado em Serviço Social) – PUCRS, Porto Alegre, 2021.